



Editorial - Por Caminhos Antigos: A Antiguidade em Questão

Ana Beatriz Siqueira Bittencourt [1]

Danielle Aparecida Arruda [2]

Isadora Parreira Ribeiro [3]

[1] Doutoranda em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Bolsista FAPERJ. Coordenadora do canal Cool História, voltado à divulgação científica das áreas de Pré-história e História Antiga (<https://www.youtube.com/coolhistoria> e <https://www.instagram.com/coolhistoria>). E-mail: bia.sbittencourt@gmail.com

[2] Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGHIS-UFJF) na linha Narrativas, Imagens e Sociabilidades. Bolsista CAPES. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Referências Culturais, Patrimônio e Educação. Co-fundadora do Ponto de Memória Vozes da Serra Grande. Editora-chefe da Revista Discente Faces de Clio. E-mail: daniellehistjf@gmail.com.

[3] Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGHIS-UFJF) na linha Narrativas, Imagens e Sociabilidades. Bolsista CAPES. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Referências Culturais, Patrimônio e Educação. Editora-chefe da Revista Discente Faces de Clio. E-mail: isadora.parreira@estudante.ufjf.br

Com um extenso campo de pesquisa a antiguidade não está limitada só aos estudos das antigas sociedades mediterrâneas, mas se amplia hoje a um olhar que alcança outros espaços e suas conexões. Longe de ser um território fixo e cristalizado no tempo, é um campo em constante disputa de sentidos, leituras e reapropriações. As imagens do passado antigo foram, e continuam sendo, mobilizadas de múltiplas formas ao longo da história: como fundamento de narrativas nacionais, como matriz estética, como modelo político, como horizonte crítico — ou como tudo isso ao mesmo tempo. Este dossiê, intitulado *Por Caminhos Antigos: A Antiguidade em Questão*, propõe-se a percorrer essas trilhas, ora consolidadas, ora subversivas, que atravessam e tensionam os estudos da Antiguidade.

O que significa estudar a Antiguidade hoje? Que usos do passado antigo têm sido feitos nas práticas acadêmicas, políticas e culturais contemporâneas? Essas são algumas das perguntas que orientam o presente número da *Revista Faces de Clio*, que retornando às origens clássicas de seu próprio nome, as múltiplas faces e ações da musa Clio, reúne artigos comprometidos não apenas com a análise rigorosa de fontes e contextos históricos mas também com a promoção de uma

reflexão crítica acerca da produção do conhecimento em História, e as especificidades do setor de Antiga no debate das abordagens e dos desafios impostos.

José Diego Ferreira Cezar analisa a política expansionista de Roma, abordando a destruição de Corinto a partir de uma leitura de Cícero em diálogo com a teoria realista ofensiva das relações internacionais; já Ian Cartaxo investiga os conceitos de *fides* e *creditum* na obra de Cícero, revelando suas implicações ideológicas nas dinâmicas de dominação social. O artigo de Allan Camuri analisa a ascensão da pólis de Samos como potência marítima no século VI a.C., destacando seu poderio naval e redes comerciais durante o governo de Polícrates, com base em fontes helênicas. Os conflitos de cidadania que culminaram na Guerra Social, evidenciando as tensões no processo de integração italiana, são analisados por Amanda Lemos Fontes, através do exame da Lex Licinia Mucia.

A religião, por sua vez, é abordada em diferentes contextos. Matheus da Silva Carmo propõe uma leitura da profecia do "Homem de Deus" em 1 Reis 13,1-2 como instrumento político de legitimação do reinado de Josias. Carlos Augusto Lima Barros analisa a representação do imperador romano Elagabal, também conhecido por Heliogábalo, a partir de sua atuação como sacerdote do deus-sol, questionando os sentidos atribuídos à sua imagem religiosa nas documentações do período.

A construção de alteridades e identidades é igualmente mobilizada em distintas escalas. Henrique Dalgobbo Samorini retorna a Heródoto para examinar a gênese da dicotomia entre gregos e “bárbaros”, mostrando como essa oposição forjou uma matriz duradoura de pensamento ocidental. Felipe Daniel Ruzene analisa as “questões homéricas”, discutindo autoria, composição e características literárias das obras *Iliada* e *Odisseia*, explorando sua origem oral, estilo de formulação e implicações para a interpretação histórica.

Bruna Carolina Monteiro analisa as personagens Tanaquil e Túlia em *Ab Urbe Condita* de Tito Lívio, contrastando modelos opostos de atuação feminina na política romana: uma legítima e ordenadora, outra disruptiva e ameaçadora. O estudo situa essa representação no contexto da transição da República para o Império, refletindo debates sobre o papel das mulheres na política. Nesse diálogo sobre a presença feminina na Antiguidade, Henrique Pause analisa as representações de Olímpia de Épiro na obra *Vida de Alexandre*, de Plutarco, buscando reposicioná-la para além da condição de “sombra” de seu filho, Alexandre, o Grande. A partir de fontes escassas e mediadas pelo olhar do biógrafo grego, o artigo evidencia a importância política de Olímpia e sua atuação nos complexos jogos de poder de seu tempo. Luisa Amado Monteiro, por sua vez, investiga a violência obstétrica na medicina greco-romana à luz do tratado *Gynaikeia*, revelando práticas que se inscrevem em uma longa história de gênero e poder sobre os corpos.

Atravessando tempos e geografias, ampliamos o nosso olhar para as culturas indígenas sul-americanas. Assim, Jefferson Virgílio articula arqueologia, linguística e ecologia para reconstruir as trajetórias dos povos Jê, propondo uma reflexão sobre ancestralidade, território e memória.

A recepção da Antiguidade se manifesta aqui nas criações do século XIX, como demonstra Luana de Oliveira Correa Treska ao analisar a joalheria arqueológica italiana da oficina Castellani, marcada tanto pelo fascínio pelo mundo clássico quanto pelos anseios nacionalistas do Risorgimento. Da mesma forma, a análise de Giovanna Angela Agulha Sarti se propõe a investigar a realidade da década de oitenta na recepção do mito de Pandora e Prometeu por Millôr Fernandes, propondo um olhar sobre a dinâmica dos gêneros na sociedade e sobre a formação do *ethos* brasileiro.

Compondo este dossiê de forma riquíssima, apresentamos uma entrevista concedida a Ana Beatriz Siqueira Bittencourt pela Profa. Dra. Regina Bustamante e o Prof. Dr. Deivid Gaia, que explora os desdobramentos de pesquisa do projeto de extensão *Viva+Cidade* - UFRJ e discute de que modo as referências da Antiguidade Clássica se fazem presentes nos espaços, objetos e memórias do cotidiano urbano carioca.

Nos artigos de temática livre, Nilson Bernardi Ferreira nos conduz à Toscana renascentista ao analisar o cerco de Piombino (1448), em que se entrelaçam estratégias militares, jogos diplomáticos e disputas de poder em uma paisagem política fragmentada, mas intensamente dinâmica. Já Helen de Oliveira Silva situa seu trabalho no século XIX, abordando como o avanço da xilogravura e litografia impulsionou revistas ilustradas no Brasil, divulgando cenas cotidianas, arte e críticas sociais, muitas vezes fomentadas por imigrantes no mercado editorial.

Fechando a edição, Noelen Alexandra Weise da Maia revisita em sua resenha a trajetória de Maria Lacerda de Moura e sua ética libertária, radical em sua recusa às violências da civilização moderna e em sua afirmação de uma solidariedade biocósmica.

Os caminhos são múltiplos, as possibilidades, infinitas, e as antiguidades, diversas. Assim, procuramos, nesta edição, mobilizar questões que ainda nos desafiam a pensar e repensar o nosso próprio tempo e as problemáticas que nos cercam, seja pelo olhar do antigo presente em nós, seja pela ressignificação do passado ao longo de nossa história.

Boa leitura!